

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

DIVING ME: THEORETICAL PERSPECTIVES ON THE USES OF THE BIOGRAPHY AS SOURCE

Adriana Fraga Vieira ¹

RESUMO: Este artigo discute os aspectos teóricos da biografia nos debates historiográficos em relação às possibilidades do conhecimento histórico. Inicialmente realiza-se um movimento sobre os usos e significados da biografia em outras temporalidades, a seguir desloca-se o olhar para os debates que possibilitaram o “retorno da biografia” nos anos 1970. Até o século XIX as biografias assinalavam o caráter exemplar de uma vida, a partir daí, a questão da “verdade” e da narrativa colocou-as em suspeição e rejeição. O movimento de renovação historiográfica dos anos 1970 e 1980 propõem novos debates sobre o papel dos indivíduos nas mudanças e permanências históricas, celebrando a subjetividade e a individualidade. Atualmente os projetos biográficos buscam pensar a característica fragmentária e plural de uma vida individual e seu papel dentro do motor da história.

Palavras-chave: Biografia. História. Historiografia.

Abstract: This article discusses the theoretical aspects of biography in the historiographic debates regarding the possibilities of historical knowledge. Initially a movement on the uses and meanings of the biography in other temporalities is realized, next one shifts the look to the debates that made possible the "return of the biography" in years 1970. Until century XIX the biographies indicated the exemplary character of a life, from there, the question of "truth" and narrative put them in suspicion and rejection. The historiographical renewal movement of the 1970s and 1980s propose new debates about the role of individuals in historical changes and permanences, celebrating subjectivity and individuality. Currently the biographical projects seek to think the fragmentary and plural characteristic of an individual life and its role within the motor of history.

Keywords: Biography. History. Historiography.

O historiador é de certo modo um escafandrista que realiza mergulhos profundos no tempo e no espaço. Essas incursões seriam improváveis e impossíveis sem o seu escafandro, isto é, as ferramentas teóricas e metodológicas adequadas para que a imersão/submersão seja um processo possível capaz de tornar inteligível a ele um mundo do qual não foi contemporâneo. As dificuldades e os conflitos do processo podem se tornar ainda mais complexos quando o objeto do historiador não está silenciado nos arquivos, mas exposto as próprias subjetividades ao pesquisador. Ao

¹ Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutoranda em história pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC.

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

biografar o cineasta Ruy Guerra, Vavy Borges ilustra bem essa questão, para ela, “no começo, essa relação dentro de mim era muito complicada (...) o almejado mergulho em sua alma de personagem/objeto de pesquisa foi direto e profundo, um daqueles mergulhos do alto de um trampolim. Mas a relação com o Ruy Guerra em pessoa era difícil, desigual, delicada (...)” (BORGES, 2012, p.101).

Quando o historiador resolve mergulhar em um mundo individual particular, criado subjetivamente e inserido em múltiplos contextos, que tipo de “escafandro” vai precisar? Que pressupostos epistemológicos precisam levar em consideração para pensar os processos de subjetivação que constituíram as singularidades e as generalidades do biografado? Que mecanismos metodológicos lançar mão para pensar a constituição desse sujeito em sua relação com o mundo social do qual faz parte?

Em permanente mutação desde Plutarco ², a quem se atribui a origem do gênero, a biografia não só acumula uma longa história, como vem mantendo com a história uma longa e controvertida relação. Em vidas paralelas, Plutarco já assinalava que seu foco não eram histórias, mas vidas, estabelecendo uma clara distinção do gênero que pretendia realizar. Nesse sentido, o papel do biógrafo consistia em mirar nas virtudes e vícios do caráter de um homem (MAGALHAES, 2009). Silva não reconhece em Plutarco, a despeito de sua afirmação, um compositor de *bioi*, mas sim de *historiai*. Mesmo se concentrando nas vicissitudes da alma em detrimento de eventos, a autora acredita que ele recorre às vidas como um recurso analítico de compreensão da dinâmica da vida na pólis, e, portanto, o próprio movimento da história (SILVA, 2006, p.50).

Desde então, as fronteiras entre história e biografia sempre foram incertas e conflituosas, principalmente no que concerne a questão da qualidade científica da verdade. E foram ainda mais alargadas nos séculos seguintes sob a égide de forças políticas e filosóficas, para quem as massas tornaram-se os sujeitos da história, e os indivíduos instrumentos de sua vontade (LORIGA, 2011, p.35-36). Mas na antiguidade, as narrativas seguiam a lógica *magistra vitae* proposta por Cícero, misturavam ficção

² Filósofo e historiador grego que viveu entre os séculos I e II. Autor de “Vidas Paralelas” ele ainda realizou outros trabalhos biográficos sobre os imperadores romanos. In: DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009, p.127.

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

e realidade para oferecer uma forma de meditação sobre a ética da existência individual a partir de modelos de “grandes homens” (DOSSE, 2009, p.27). No período medieval predominaram as chamadas hagiografias³ para no renascimento perderem a forma puramente individualista e tornarem-se narrativas “sobrecarregadas de anedotas” (BURKE, 1997).

O termo biografia, afirmando-se como uma narrativa puramente realista, aparece no século XVII “por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (...)” (LORIGA, 2011, p.17). No século seguinte, além da vida pública, o gênero investiu também na vida privada de seus biografados, fato que alargou o campo de narrativas possíveis. Além de personalidades sacras, era possível “espiar pelo buraco da fechadura” para conhecer a vida de outros indivíduos (SCHMIDT, 2014).

É no século XIX, porém, que a percepção bisbilhoteira das biografias como narrativas do proibido, do curioso ou anedótico são superadas por outras possibilidades interpretativas que privilegiam também as singularidades humanas. Contexto que é fruto das novas discussões em torno do papel do indivíduo na história, influenciando a produção das narrativas biográficas. A produção histórica desse período em torno de figuras biográficas é acompanhada por Sabina Loriga, revelando múltiplos personagens como o “homem patológico” de Jacob Burckhardt, cuja função narrativa gira em torno da negação da noção de progresso; o “homem-partícula” de Hippolyte Taine, que apreende o real em suas múltiplas dimensões; e o “herói” de Carlyle, para quem a história universal se resumia a biografia de grandes homens. O “herói” de Carlyle é aquele que renuncia a si mesmo, se despersonaliza em prol de ideias comuns ao social; contrapondo-se a ele está o “homem patológico” um tipo sofredor, imerso em si mesmo, angustiado com a culpa e a liberdade. Já o “homem-partícula” se opõe aos outros dois modelos porque despreza o indivíduo excepcional e celebra o homem comum, representando as múltiplas realidades nas quais a humanidade vive.

São modelos de vida cuja escrita era necessária à história nacional que no século XIX desejava se personalizar com a biografia de homens comuns ou célebres

³ Hagiografias são escritas centradas na vida de personagens religiosos.

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

cujos feitos eram conhecidos como heroicos ou titânicos. Loriga se debruçou sobre os autores que compuseram esses modelos biográficos, referidos por ela como “peças únicas”, cujas reflexões não estão filiadas a uma escola ou corrente historiográficas; para compreender um movimento do século XIX que ela chama de “desertificação do passado”. Sua principal consequência foi ter provocado uma dupla despersonalização da história, retirando as singularidades humanas e se opondo a manifestação das subjetividades do historiador, que deve ser primordialmente um especialista, nunca um autor. Para ela, esses pensadores negaram o processo de despersonalização do passado quando partilharam da compreensão de que o mundo histórico tornou-se o que é a partir das ações humanas, vistas como criativas e transformadoras (SOUZA, 2012, p.18).

Outra tensão do século XIX refere-se à função narrativa da biografia, advogando uma tendência em favor da subordinação do singular ao exemplar. Loriga nos mostra que essa tendência não era uníssona através das afirmações de Droysen, datadas de 1863, nas quais ele inscrevia a importância da contribuição individual de uma vida na criação do próprio movimento histórico. Para o historiador alemão, todos os seres humanos são formados por circunstâncias externas e por subjetividades próprias, resultado de escolhas pessoais, de uma maneira particular de ser e de estar no mundo social. O “pequeno x” constitui as singularidades que estão por trás dos grandes movimentos da história, entendida como produto de ações humanas. Esse diálogo a respeito do “pequeno x” se entrelaça com outros mais amplos, em um movimento de retomada e esquecimento, suplantado por fim, pela ideia do herói e do grande homem (LORIGA, 2011, p.17).

Imposta como ofício, a biografia assume um caráter de cientificidade, valorizando uma narrativa cuja dimensão seja analítica e não descritiva. Os maiores biógrafos da segunda metade do século XIX buscaram o “homem na obra” a partir das reticências, do inesperado, direcionaram a análise para pormenores em meio a narrativas conjecturadas pela imaginação histórica. Criticada nos meios literários, a biografia romanceada foi adjetivada como mentirosa, falsa e superficial; por não se ater estritamente a verdade factual (LORIGA, 2011, p.25).

Alheia as críticas, a narrativa dos “grandes homens” chega ao século XX assinalando a individualidade e sublinhando o caráter exemplar (DOSSE, 2009, p.182).

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

Mas uma série de rejeições propostas pela historiografia dos Annales retira o homem da história em prol de encarnações coletivas e despersonalizadas como a Nação, o Estado, a raça; transformando as ações humanas em produto de determinismos sociais, políticos e econômicos. A biografia, entre outras temáticas, estava no limbo das preocupações e debates de uma historiografia sob a hegemonia dos Annales, para eles as escolhas e as ações dos indivíduos não são capazes de mudar as estruturas sociais e culturais existentes. Para ser legitimada intelectualmente, a biografia devia se limitar a ser uma via de acesso ao conhecimento de processos e conjunturas sociais mais amplas. O campo das particularidades individuais se desloca para a compreensão das generalidades entre os homens de uma época. O campo das possibilidades sociais não incluía o homem como agente do processo de formação desse mesmo campo. Os Annales negaram a biografia porque ela simbolizava um modelo continuísta e historicista de narrativa que eles buscavam superar, ligada ao evento e ao indivíduo isolado. Febvre e Braudel, seguindo as balizas teóricas de sua época, buscaram um discurso que dispersasse a continuidade de seus personagens e fugisse ao essencialismo do ser (AVELAR, 2010).

No final dos anos 1960 e decurso dos 1970, emergiram várias críticas à história totalizante a partir de trabalhos que evidenciavam a dialética entre os homens e as estruturas, a preocupação de pensar os processos históricos como resultado das ações humanas. Surgem novas formas de compreensão do indivíduo influenciadas por estudos do campo da linguagem, etnografia e psicanálise (COSTA, 2010). O indivíduo torna-se um ser mutante inclinado a múltiplos pertencimentos, desdobrável em unidades menores capazes de explicar as escolhas e o resultado de suas ações, as inflexões e incoerências (AVELAR, 2012). Esse movimento historiográfico cria uma série de “retornos” nos quais a biografia se inscreve, reformulada para pensar a variedade do passado histórico a partir do homem comum e das iniciativas individuais, opondo-se criticamente ao essencialismo, uma vez que, como defende Sabina Loriga:

O indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e nas ineficácias normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder (LORIGA, 1998, p.249).

Os indivíduos estão inscritos em uma rede de sistemas sociais e normativos que podem informar e condicionar as suas ações, mas essas redes de relações e obrigações externas não podem ser vistas como uma espécie de “camisa-de-força” invisível e paralisante. Estudar a fragmentação e as particularidades próprias da condição humana significa pensar os indivíduos como costureiros experientes a ajustar a “camisa-de-força” social de modo que ela sirva subjetivamente bem, em um modo de apreciação que lhes tragam conforto, segurança ou mesmo a possibilidade de recusa. Mesmo que os padrões externos imponham uma “moda” específica dentro do sistema social e político, a autonomia e a criatividade humana são importantes molas propulsoras para compreender as recusas ou aceitações que conduzem a importantes transformações históricas. E a biografia, para Giovanni Levi, é uma porta de acesso ao “atelier” social, local onde se desenrolam as liberdades e escolhas pessoais em relação aos “figurinos”, escolhas por vezes restritas e possivelmente incertas e instáveis dentro dos padrões normativos a que se referem. Escolhas que não são absolutas ou coerentes, ao contrário, postulam-se desde o início como oscilantes, cambiantes e modificáveis, criando brechas possíveis para estratégias de ação. Tais brechas, para Levi, são capazes de impor mudanças históricas “nada desprezíveis” em termos de normatividade e relações de poder (LEVI, 2006, p.179-180).

A reflexão de Levi está associada a um movimento que surge na Itália em 1980 dentro de uma renovação dos debates historiográficos mundiais. A chamada microhistória surge como uma conversa, entre outras possíveis, para pensar o mundo social e o papel dos indivíduos nele. Essa “conversa” foi apresentada por meio das reflexões dos trabalhos de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi que foram na contramão de biografias de personalidades exemplares, para debruçar-se sobre as experiências vividas de anônimos populares, partindo de seus rastros em fontes lacunares ou até

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

mesmo únicas para reconstituir um quadro social maior (GINZBURG,1987), (LEVI, 2000). Na historiografia francesa as biografias renasceram entre as décadas de 1960 e 1970 com a Nova História, trazendo enfoques renovados pela “história-problema” a partir de um movimento que possibilitou uma série de retornos, entre eles o político e a narrativa (LEVILLAIN, 1996, p.148-149).

Ventos favoráveis ao gênero biográfico sopravam por meio de vários debates intelectuais, mas os usos e os significados possíveis a partir desta perspectiva não sensibilizaram os mais céticos. Para estes, como Pierre Bourdieu, a biografia é uma “ilusão” centrada em um projeto narrativo que pressupõe uma “linearidade subjetiva imutável” na qual o indivíduo tornou-se o que é pelo acúmulo de experiências passadas. A esse *continuum* narrativo, soma-se uma evocação de sentido, como se todo o indivíduo tivesse uma verdade a ser revelada, uma coerência que conecta o passado ao presente e orienta o futuro. Em suas palavras, “produzir uma história de vida, é tratar a vida como uma história”. Para ele o relato biográfico é uma construção totalizante do indivíduo que entrevem a compreensão de um conjunto coerente e orientado da vida desde o nascimento até a morte, por meio de uma “criação artificial de sentido”. A “ilusão biográfica” reside, portanto, na elaboração de um projeto essencialista, teleológico e inevitável. A narração linear esgota a compreensão do indivíduo dentro de uma única representação, como se as repetições, permanências e regularidades fossem a marca registrada de uma vida (BOURDIEU, 2005).

Segundo Chartier, não se trata de uma recusa de Bourdieu à biografia, mas a necessidade de compreendê-la a partir da noção de campo, dentro de uma perspectiva relacional, situando o indivíduo dentro dos contextos globais ou específicos. O indivíduo partilha de um mundo social, insere-se nele, e a biografia deve ser um instrumento de análise do coletivo para a compreensão deste (CHARTIER, 2001, p.124-126). Condicionando o estudo da biografia aos campos particulares nos quais se insere, a ênfase recai sobre o grupo que cria representações coletivas de seu contexto social. Giovanni Levi critica essa posição, pois a seu ver, a subordinação das representações individuais às coletivas pressupõe que ambas possuem uma coesão e uma gênese semelhantes, “privilegiando a importância do grupo, subestima-se o problema de sua constituição, assim como a apreciação de sua solidez, de sua durabilidade, de sua amplitude, e conseqüentemente esvazia-se a questão da relação

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

entre indivíduo e grupo” (LEVI, 2005, p.181-182). Ainda que o grupo compartilhe um conjunto orientado de atitudes, procedimentos e modos de pensar, as iniciativas individuais não podem ser consideradas irrelevantes, pois definem um modo especial de ser e estar no mundo que pode ser produtora de grandes mudanças sociais.

Afora a questão do pensamento relacional, Bourdieu é criticado por não admitir que a escrita biográfica possa assumir outras formas narrativas que demonstrem a característica fragmentária e plural de uma vida individual. Se partirmos de uma compreensão na qual os indivíduos possuem identidades múltiplas e móveis, atravessadas por contextos que se bifurcam, se cruzam ou se contrapõem; se cada um de nós carrega centenas de “eus” como é possível historicizar o caráter fragmentário de uma vida individual? Dois autores nos mostram como fazer para evitar o encapsulamento da unidade existencial em uma narrativa rígida.

Margareth Rago buscou mulheres que produziram dialeticamente uma “escrita de si”, a partir da militância feminista no contexto do regime militar brasileiro. São autobiografias subjetivas constituídas no processo mesmo da escrita, diferenciando-se das “escritas sobre si”, de tipo confessional na qual o indivíduo se torna um escafandrista e mergulha em seu eu interior. Essas “escritas de si” são singulares, portadoras de um pequeno “x” que as tornam exemplares na compreensão de um fato histórico mais abrangente, porque não se prendem a uma identidade específica e aos padrões normativos, características relacionadas com autobiografias confessionais. Rago entende essas autobiografias, inspirando-se em Foucault, como práticas livres nas quais as mulheres se auto constituem de forma ativa a partir de uma orientação ética específica (RAGO, 2013, p.54).

Professoras, intelectuais, freira, prostituta..., mulheres que militavam a partir de agendas diferenciadas, porém entrecruzadas. Surpreende-nos uma narrativa de modos particulares de expressão e de constituição de si formados a partir de contextos variados, mas vinculados em uma relação dialética com o mesmo processo histórico. A pluralidade de “eus” em uma mesma narrativa de si é buscada por Rago a partir de um percurso crítico e analítico sobre como o indivíduo se tornou o que é, e em que medida isso pode contribuir para a compreensão do mundo social em uma escala mais abrangente. O estudo com autobiografias, nesse projeto, nega a “ilusão

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

biográfica” e demonstra como a fragmentação de uma vida pode tornar mais inteligível os processos pelos quais o mundo social e cultural tomou forma.

O que essas experiências feministas particulares podem contribuir para a compreensão de um quadro político específico, como o da ditadura militar no Brasil? Para a autora, a publicização de uma escrita de si é “absolutamente necessária para a reconstrução das relações sociais no mundo democrático”. Por um lado, as experiências íntimas publicizadas por meio de autobiografias se tornam ferramentas políticas de ajustes sociais, permitindo que a sociedade reflita criticamente sobre os interesses que estão por trás das ações estatais, criando e determinando regras, interdições, sanções e abusos sobre as liberdades individuais e coletivas. Por outro lado, mostram as singularidades da experiência política e as racionalidades próprias que as constituem, revelando formas particulares de ser e pensar criativamente. Assim como as generalidades das práticas e discursos vinculados a um mesmo processo histórico, criando novas possibilidades de existência e de questionamento frente à ordem instituída (RAGO, 2013, p.75). Quando os testemunhos dessas vidas individuais, aparentemente díspares, se cruzam na narrativa histórica, compreendemos outras formas de desafetos provocados pelas ações institucionais do regime militar. Essa compreensão é relevante para que o discurso histórico não incorra no risco de generalizações incapazes de captar a complexidade e a pluralidade da vida humana acerca de uma mesma experiência histórica.

As “escritas de si” fazem parte de uma gama de discursos subjetivos nos quais Leonor Arfuch chamou de “espaço biográfico”. Escritas que proliferaram no mundo contemporâneo desde os anos 1980 em um contexto de queda dos regimes totalitários e de uma crescente tendência de valorização da memória. Das formas canônicas tradicionais: biografias, autobiografias, confissões, cartas, apologias, às formas plurais de relatos subjetivos do mundo virtual; narrativas que criaram um espaço biográfico heterogêneo e multiforme. Arfuch alerta para a intenção de autenticidade que todo relato autobiográfico traz de forma implícita, pois a experiência vivida e o fluxo narrativo que a faz reviver não podem ser interpretados como mimeses (ARFUCH, 2010). Trata-se, no caso, de uma reflexão que, ao contrário de valorizar o impulso narcisista que toda “escrita de si” pode camuflar, sugere buscar as contradições, conflitos, as desistências e os fracassos. As veracidades ou

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

autenticidades não são o foco da lupa do historiador quando analisa uma narrativa de vida, os problemas para os quais deve direcionar sua atenção estão, como afirma Levi, na “(...) relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo, entre determinismo e liberdade, ou ainda entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada” (LEVI, 2000, p.179).

A compreensão de uma vida não deve centrar, e não se justifica, somente naquilo que ela oferece de singular. A tarefa do historiador, para Giovanni Levi é pensar essas originalidades próprias dentro do contexto histórico que a tornou possível, buscando as racionalidades próprias que a constituíram em um contexto permeável as agências humanas (LEVI, 2000, p.176). O caráter infundável do trabalho de contextualização não é, para Sabina Loriga, uma deficiência a se evitar, mas as próprias condições de possibilidade do conhecimento histórico, que reside na “conexão entre o geral e o particular e na compreensão de que o indivíduo é a um só tempo, um caso particular e uma totalidade” (LORIGA, 2011, p.226). Além da dimensão epistemológica, o contexto é necessário para a própria metodologia do trabalho, sem o qual não seria possível preencher as lacunas documentais fragmentárias e por vezes deformadas, através de análises comparativas com outros personagens que de alguma forma ligam-se ao mundo do biografado. Talvez por isso, Levi afirmou que o gênero biográfico é um dos trabalhos mais difíceis para o historiador, que deve pensar antes de tudo no problema mais geral que o conduz a uma personalização. Ou seja, a questão não é o objeto em si, mas o problema mais geral que ele suscita ⁴.

É de Giovanni Levi outro referencial clássico para fugir do que Bourdieu chamou de “ilusão biográfica”. Publicado em 1985, o livro *Herança Imaterial* foi produzido a partir de fontes notariais e cadastrais, em um movimento metodológico de recurso contínuo a variações de distância focal, conduzindo o leitor a múltiplas realidades inscritas em um só tempo. A história de vida do padre Giovan Battista Chiesa, vigário da paróquia de Santena, abre a narrativa e desaparece dela na mesma velocidade, frustrando o leitor desavisado e deixando outros com uma curiosidade não satisfeita. Trata-se mesmo de uma biografia? Pergunta-se Jacques Revel ao prefaciá-la obra.

⁴ Ideias esboçadas em uma conversa informal com estudantes da pós-graduação em 13/06/2016 na UFSC, a convite do professor Henrique Espada.

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

Não é no sentido clássico do termo, mas é “se considerarmos o que é, e o que não é importante em uma biografia. Ou seja, sobre as condições e os contextos nos quais tal história toma corpo e sentido”.

Buscando a conexão do contexto ao particular pelas margens, Levi acompanhou a trajetória do exorcista através de biografias plurais, longe de uma síntese totalizadora e de uma narrativa afirmada em certezas, ele busca compreender o mundo no qual seu exorcista viveu por meio da reconstituição biográfica de todos os habitantes da Vila de Santena. Usando esse percurso metodológico como fio condutor da análise, descobriu uma complexa rede de relações familiares e individuais afirmadas em estratégias de sobrevivência. Essas estratégias guiavam toda uma lógica de comportamentos econômicos e sociais que tinham na terra seu nexos principal, o nexos pelo qual as fidelidades e as proteções orbitavam, garantindo e reforçando os laços parentais e/ou de amizade. O mundo individual do exorcista não aparece em oposição ao mundo social, mas como lados da mesma moeda que se informam mutuamente, oferecendo ao leitor outra chave de leitura do mundo camponês moderno não postulado a partir de existências cujos sentidos únicos remetem ao tempo cíclico, letárgico e incapaz de ações criativas individuais.

As biografias hoje não só fogem de narrativas lineares rígidas, como assinalam que os processos de subjetivação individual do social servem a uma compreensão mais refinada do próprio mundo social (FUKELMAN, 2014). Trata-se, nas palavras de Albuquerque, de “desenhar uma figura de sujeito naquilo que ela se assemelha e se distancia a um todo social que é a sua própria possibilidade de existência” (ALBUQUERQUE, 2012, p.31). Uma existência cuja subjetividade está sempre em risco de ser moldada, transformada pelo próprio contexto que a criou. As subjetividades do biografado apontam para um dos muitos dilemas que podem se estender igualmente as subjetividades do biógrafo na sua percepção sobre o ‘outro’, na narrativa empregada, no modo como se deixa afetar e em suas motivações na escolha do trabalho (BORGES, 2009, p.233), as quais sempre podem suscitar objeções, a exemplo da crítica de Janet Malcolm sobre as biografias da poetisa americana Sylvia Plath:

O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores de biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua operosidade, mais o leitor acreditará estar vivendo uma elevada experiência literária e não simplesmente ouvindo mexericos de bastidores e lendo a correspondência alheia (MALCOLM, 1995, p.16-17).

Nessa perspectiva, ela compara o biógrafo a um arrombador profissional que leva ao leitor o produto de sua pilhagem, após uma incursão de certo modo desrespeitosa e possivelmente não autorizada. O leitor, ao seu turno, torna-se tolerante com o “delito” porque se torna “comparsa” do crime na medida em que desfruta de uma “atividade excitante e proibida”. Juntos, biógrafo e leitor atravessam “o corredor na ponta dos pés”, param “diante da porta do quarto” e espiam pelo buraco da fechadura.

A crítica sugere que a própria motivação implicada na escolha de um trabalho biográfico também deve ser fruto de reflexão e cuidado por parte do biógrafo. A curiosidade sobre a vida alheia e a possibilidade de escrutinar os segredos mais íntimos do personagem trazendo-os bombasticamente à tona, são engajamentos próprios de profissionais ligados ao mercado editorial ou com filiações políticas próprias (SCHMIDT, 1997). Aos historiadores profissionais, o desejo deve atender a demandas específicas ligadas as suas necessidades de pesquisa, e as perguntas que busca responder. Dentro dessa lógica é que se justifica a compreensão histórica dos percursos de certos personagens, para, por exemplo, tornar inteligível os sistemas normativos e os deslocamentos possíveis dentro deles; o funcionamento das instituições sociais, políticas e jurídicas; a formação, a abrangência e os limites de dispositivos discursivos historicamente construídos etc.

Para Schmidt, ao longo da história, a biografia revelou-se como uma narrativa com profundas motivações éticas, estimulando reflexões ligadas a juízos de valor sobre os comportamentos. A dimensão ética é, em seu ponto de vista, inseparável do gênero, “já que escrever, ‘grafar’, uma vida é um ‘ato moralmente carregado’, que deixa marcas, por vezes profundas, no biógrafo, no biografado e naqueles que, pela leitura da vida dos outros, procuram também construir as próprias biografias”. Duas éticas particulares, a seu ver, devem conduzir o trabalho do historiador em trabalhos dessa natureza, os quais envolvem o “respeito pelo personagem biografado – no

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como uma celebridade a ser desnudada – e respeito pelas regras historicamente construídas do ofício de historiador (...)” (SCMIDT, 2014, p.136).

Se o conhecimento do mundo social deve conduzir as escolhas do historiador, a dimensão subjetiva que o liga a essa escolha, isto é, suas emoções e opiniões em relação ao biografado, podem levantar dúvidas sobre a validade do projeto em questão? Ao explicitar as razões de ter escolhido o cineasta Ruy Guerra para biografar, Vavy Pacheco o faz em um texto carregado de subjetividades que remetem ao desejo de responder inquietações, dúvidas e incertezas de sua geração, aponta que o fato de ter sido, desde criança “cinemeira demais” influenciou, entre outras razões, nesta escolha pessoal (BORGES, 2009, p.84-88).

Trata-se, no caso, de uma dupla reflexão sobre a dimensão ética e subjetiva que não envolve apenas o gênero biográfico, mas o discurso histórico de modo geral. A subjetividade é inerente às escolhas que fazemos, com o trabalho do historiador não são diferentes, quando seleciona o objeto, constrói seus problemas, escolhe as ferramentas analíticas, o faz a partir de um posicionamento cultural e político próprios. Todo projeto biográfico oculta parcialidades e escolhas ideológicas, além de uma boa dose de imaginação histórica para preencher as lacunas documentais; de certa forma, o historiador busca no “outro” um encontro com si mesmo. Mas até que ponto a subjetividade e a contextualização não se tornam ficcionalidade na construção de um projeto biográfico? Para Vavy uma ética da transparência com os leitores sobre as motivações e pressupostos por trás do trabalho é o ponto de partida de um caminho que deve respeitar fronteiras narrativas que não são próprios do território do historiador, a saber, “mexericos” e “bisbilhotices”. Fronteiras que se forem ultrapassadas tornam a vida do biografado um produto a ser consumido, como se a vida das pessoas pudessem ser expostas e vendidas sem considerações éticas. Em outras palavras, não são as escolhas, as emoções ou os posicionamentos do historiador que colocam seu trabalho sob suspeição, mas a falta de rigor e cuidados com as questões éticas, teóricas e metodológicas.

Por muito tempo as relações entre biografia e história se mostraram controvertidas e instáveis, definindo fronteiras e interdições, principalmente em relação à questão da “verdade” e da função narrativa do relato. Mesmo assim o gênero

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

biográfico seguiu seduzindo escritores e leitores, biógrafos e biografados. Muitos historiadores, ao seu turno, também começaram a se deixar seduzir pelo trabalho biográfico, uma vez que as tensões relativas à própria ideia de verdade constituem hoje um falso problema para o próprio conhecimento histórico. Valorizar as subjetividades e as individualidades próprias que a constituem, criando uma versão possível, verossímil com a realidade histórica do biografado tem sido o foco da lupa do historiador. Assim pensadas, o trabalho com biografias pode revelar uma porta importante para o conhecimento do mundo social, cultural, político e econômico de uma época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JR, D.M. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p.15-38.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- ARTIÈRES, P. “Arquivar a própria vida”. **Estudos Históricos**, nº 21: Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, 1998.
- AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões**. *Dimensões*, v. 24, 2010, p. 157-172.
- AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- BORGES, Vavy Pacheco. “O ‘eu’ e o ‘outro’ na relação biográfica: algumas reflexões”. In: NAXARA, M., Marson, I.; BREPOHL, M. (Org.) **Figurações do Outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.19, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão biográfica”. In: J. Amado e M.M Ferreira (orgs.). **Usos e Abusos da história Oral**. 7º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.183-192.

CHARTIER, Roger & Bourdieu, Pierre. **O sociólogo e o historiador**. São Paulo: Autentica, 201, p.124-126.

COSTA, Arrisete C.L. Biografias Históricas e Práxis Historiográfica. **Saeculum – Revista de História**, n. 23. João Pessoa, julho/dezembro 2010, p.19-33.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

FUKELMAN, Clarisse (Org.). **Eu assino embaixo – Biografia, Memória e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do Século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Usos da Biografia. In: J. Amado e M.M Ferreira (orgs.). **Usos e Abusos da história Oral**. 7º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.167-182.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

LORIGA, Sabina. **O Pequeno X: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

MAGALHAES, Luiz Otávio de. Plutarco: historiografia e biografia na literatura greco-romana. **História da Historiografia**. Ouro Preto / Edufop, 2009, número 3, setembro 2009, 181-187.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath. Ted Hughes e os limites da biografia**. Tradução Sergio flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenção da subjetividade**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética**. História (São Paulo. Online), v.33, n.1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

_____. Construindo biografias. Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006

ESCAFANDRISTAS DO “EU”: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS USOS DA BIOGRAFIA COMO FONTE

Adriana Fraga Vieira

SOUZA, Adriana Barreto e LOPES, Fábio Henrique. Entretien avec Sabina Loriga: la biographie comme un problème. In: **história da historiografia**: Ouro Preto/ nº 9, agosto, 2012, p. 26-37. Disponível em:

<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/503/270>. Acesso em 28/05/2016.

Artigo recebido em 15/09/2017

Artigo aceito em 01/01/2018